

ARQUITETURAS CONTEMPORÂNEAS: os espaços do projeto e os projetos do espaço APRESENTAÇÃO – parte 1

*ARQUITECTURAS CONTEMPORÁNEAS: los espacios del proyecto y los proyectos del espacio
PRESENTACIÓN – parte 1*

*ARCHITECTURE TODAY: spaces of design and designs of space
PRESENTATION – part 1*

Este dossiê tem por objetivo promover reflexões sobre o tema, conduzidas pela reunião de um conjunto de ensaios de colegas convidados, professores e arquitetos consagrados, vinculados a universidades de várias regiões do Brasil (Universidade de Brasília, Universidade de São Paulo, Universidade Estadual de Maringá, Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio Grande do Norte) e do exterior (Universidade de Coimbra, Universidade do Porto, Yale University). Ao empregar a flexão no plural, o título do dossiê “Arquiteturas Contemporâneas” sugere e expressa uma variedade de abordagens, conceitos e significados sobre o tema. O subtítulo, por sua vez, problematiza a centralidade do projeto no campo da Arquitetura e Urbanismo em suas dimensões teórica e prática, propondo reflexões atuais sobre “o espaço do projeto”, ao reivindicar o seu protagonismo, e sobre “o projeto do espaço”, ao reposicionar a práxis arquitetônica como meio e fim de desígnios socioespaciais.

Publicado em duas partes, cada uma com cinco ensaios, o dossiê alinha-se aos propósitos da rede [arq.con.br], que já realizou várias outras ações nesse campo: disciplinas de pós-graduação compartilhadas, organização de livros, de outros dossiês, de sessões em eventos da área, além do próprio evento homônimo, realizado em Fortaleza, em abril de 2025, e de seminários estaduais. Agradecemos o convite das editoras da Revista PROJETAR, que não poderia ter vindo em melhor hora, momento de pleno desenvolvimento e consolidação da rede.

Nos interessa discutir como a arquitetura tem sido produzida na atualidade, destacando as articulações entre projeto, construção, tecnologia e inovação, como contribuições do campo em resposta à complexidade das condicionantes sociais na contemporaneidade, como obsolescência e escassez de recursos, crise climática, questões ambientais e patrimoniais, intervenção em pré-existências, desigualdades de todo tipo etc. Destaca-se, ainda, a autonomia do projeto como expressão do pensamento arquitetônico e como instrumento de produção de conhecimento sobre a disciplina e sobre o ambiente construído. Por fim, discute-se, também, como os arquitetos refletem sobre a sua própria obra, situando-a em um contexto teórico e crítico mais amplo, em diálogo com a academia e com o público. A escolha do ordenamento dos textos foi realizada em função de otimizar o encadeamento de ideias e sua continuidade com a Parte 2 do dossiê, que será publicada no próximo número da revista (janeiro/2027). Delineamos a seguir os cinco primeiros ensaios, que formam a Parte 1.

Mônica Junqueira Camargo, professora da FAUUSP, em seu “Arquitetura e projeto no antropoceno”, considera a relevância de os arquitetos e as escolas de arquitetura realizarem mudanças paradigmáticas em seus programas e currículos. A arquitetura e o urbanismo têm um impacto considerável no antropoceno, sendo crucial para a discussão da crise ambiental e o desenvolvimento urbano no futuro. Por isso, a agenda do ofício deve valorizar o “aproveitamento de pré-existências” e a “valorização de permanências” e evitar demolições. É importante, entre outras coisas, “transformar o ambiente construído” com a escolha de materiais com baixo consumo de energia e evitar a geração de resíduos. Camargo analisa vários casos de reformas de edifícios inteiros e casas em São Paulo, realizadas nos últimos anos.

Naia Alban Suarez, professora da FAU-UFBA, escreve sobre “O processo do Casarão 28: uma arquitetura reversa”, ensaio no qual discute a reforma do casarão, localizado no centro histórico de Salvador, no perímetro do tombamento do IPHAN, com vista privilegiada para a Baía de Todos os Santos. O desmonte

de partes do casarão possibilitou que peças de madeira do próprio imóvel fossem reaproveitadas de várias formas. A reforma seguiu todas as normas para intervenção em imóveis históricos e buscou aproveitar todo o material encontrado, tanto na casa, como nos arredores, fornecido por empresa especializada na coleta e revenda desses materiais. O programa buscou refuncionalizar o Casarão, que passou a conter 3 apartamentos para os proprietários, 5 apartamentos para inquilinos, espaço para eventos com varanda, e 1 apartamento para caseiro. Parcialmente inacabada, a obra segue de acordo com disponibilidade financeira, tendo se tornado um canteiro experimental e espaço pedagógico. O esforço é de construção de uma economia circular, sustentável e colaborativa, que evite demolições e/ou reaproveite os seus resíduos.

No ensaio “Siza, esperando o sucesso”, Joana Couceiro e José Miguel Rodrigues, professores da Universidade do Porto e investigadores do Centro de Estudos Nuno Portas, discutem os primeiros anos de Álvaro Siza Vieira como arquiteto. O caso dos primeiros projetos do consagrado arquiteto português é paradigmático de um processo de amadurecimento profissional em que ele busca compreender os seus próprios projetos, desenvolvendo suas próprias teorias explicativas. Mais do que isso, o jovem Siza era pupilo de Fernando Távora, seu professor, que o ensinou a valorizar os elementos e materiais tradicionais da arquitetura portuguesa. O arquiteto busca se estabelecer no meio muito cedo, no início dos anos 1950, ao realizar os seus primeiros projetos das “Quatro casas de Matosinhos”, entre outros. Ao receber muitas críticas da opinião pública, mas o reconhecimento de arquitetos reconhecidos, entre eles o não menos importante Nuno Portas, continuou a sua trajetória autoconfiante em busca de uma expressão própria. Mais tarde, nos anos 1970, com a redemocratização do país, Portas comissionou Siza com projetos do SAAL, programa seminal de provisão de habitação social com metodologia participativa, que o consagrou no cenário internacional. Portas também divulgou os trabalhos de Siza na principal revista de arquitetura em Portugal, que ele dirigia, e em revistas internacionais.

Em “Projeto e arquitetura no Brasil contemporâneo”, Renato Leão Rego, professor da UEM, apresenta uma discussão baseada na análise de 16 edifícios produzidos por arquitetos brasileiros e por arquitetos estrangeiros com projetos no território nacional. Ele argumenta que a arquitetura contemporânea não é mais, como antes, uma “expressão nacional” com coesão reconhecível. Se antes, no século XX, havia a dominância de uma escola carioca – com um certo modernismo tropical – e de uma escola paulista – com seu brutalismo formalista –, nas primeiras décadas do século XXI, predomina uma prática mais aberta, diversa e plural, sem estilismo pré-determinado. Muito dessa “nova arquitetura” origina de trabalho colaborativo, mas não necessariamente, e responde a demandas de responsabilidade ambiental e ecológica, de sua inserção cultural e da diversidade social do país e de suas regiões. A arquitetura de hoje, no Brasil, é mais contextual e específica, lidando mais com necessidades programáticas e formais do entorno próximo, do que apelando para uma linguagem universalista.

Finalmente, Jaime Solares Carmona, doutorando da Yale University, apresenta “Infinitos vãos”, ensaio no qual analisa o ciclo de concursos públicos de projetos para os novos edifícios do SESC (Presidente Prudente, Mogi das Cruzes, São Paulo) que considera terem sido, em alguma medida, oportunidades desperdiçadas. Os projetos vencedores revisitaram a madeira engenheirada como estratégia material, ética e estética, que se apresenta como a emulação do concreto armado, reproduzindo o “vão” na produção de pavilhões – dentro dos quais são distribuídas as unidades dos complexos programas dos edifícios. Assim, a clareza formal totalizante prevalece. No que concerne as propostas apresentadas, o autor argumenta que, embora seu discurso arquitetônico seja progressista, os resultados obtidos são esteticamente conservadores. Assim, apesar de ter muitas qualidades, a arquitetura dos novos edifícios propostos para o SESC não consegue se desvencilhar totalmente da tradição modernista brasileira.

Como um gênero reflexivo, interpretativo e autoral, os cinco ensaios aqui apresentados são originais e criativos, utilizando referencial teórico potente para desenvolver a argumentação sobre os casos eleitos para análise. A leitura conjunta desses trabalhos proporciona um panorama expressivo do campo em pauta e dialoga com os textos da Parte 2, além do que, dentro de sua temática específica, cada escrito é independente do outro, de modo que eles podem ser lidos isolada e separadamente e em qualquer ordem.

Natal e Fortaleza, setembro de 2026.

Márcio Moraes Valença (PPGAU/UFRN)
Ricardo Alexandre Paiva (PPGAU+D/UFC)
Editores convidados